
Farmacocinética das mídias: a contribuição do diálogo Fedro de Platão à teoria da comunicação¹

Carlos Eduardo Souza AGUIAR²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

O diálogo Fedro de Platão é tanto considerado o arquétipo da reflexão crítica dos meios de comunicação que denuncia o caráter maléfico da escrita, pois leva ao esquecimento, como é tido como arquétipo dos estudos da ecologia dos meios ligado à tradição da Escola de Toronto. Essa comunicação visa analisar o diálogo explorando o comentário de Jacques Derrida (1993) que interpreta que para Platão a escrita é um *phármakon*, a um só tempo remédio e veneno. Enfatiza-se, assim, a fascinação provocada pela escrita, a capacidade de transformar a ecologia social e desterritorializar o território, mas igualmente a inclinação da escrita em causar perturbações na efetivação da comunicação dialógica. Os elementos que emergem dessa reflexão evidenciam a não neutralidade e o caráter não instrumental dos meios no interior do fenômeno da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Jacques Derrida; técnica; teorias da comunicação; ecologia das mídias.

INTRODUÇÃO

Com o canto das cigarras e à sombra de um plátano sob o qual corria uma fonte, dois atenienses discutiam numa tarde bucólica de verão, no final do quinto século antes da era comum, como falar e por que escrever. Os dois atenienses em questão eram Sócrates e Fedro, personagens mobilizados por Platão no diálogo analisado nesta comunicação. Sócrates tem lugar cativo nos diálogos platônicos, sendo o personagem principal por meio do qual Platão simula seu entendimento do fazer filosófico e, porque não, do próprio entendimento do fenômeno comunicacional: o diálogo. Sabemos da predileção de Sócrates pela comunicação dialógica na qual os envolvidos compartilham de um mesmo presente, não só pelo que é relatado por Platão, mas pelo fato de não ter

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Sociologia pela *Université Sorbonne Paris Cité*. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Professor contratado da Escola de Comunicações e Artes da USP e Professor da Fapcom, e-mail: cadu.s.aguiar@gmail.com.

deixado nada por escrito. Seu método filosófico, a maiêutica, consistia precisamente na arte de parir no interlocutor o conhecimento por meio do processo dialético da interação. No limite, o princípio-chave da comunicação para Platão é muito mais Eros do que a mera transmissão (PETERS, 2000, p. 37). Ora, a mediação pela escrita impediria a relação com Eros e o processo vivo e irreproduzível da maiêutica.

Essa temática, desenvolvida por Platão em outros diálogos, é retomada em Fedro, diálogo onde se debaterá diretamente se vale a pena escrever. Trata-se de uma questão de fundo moral e que é respondida por Platão de modo relativo. Se a escrita for registrada na alma do interlocutor, sim, é positiva. No entanto, se a escrita estiver registrada na materialidade do papiro, não. E é essa crítica à exterioridade da escrita que é retomada por alguns comentadores contemporâneos da teoria da comunicação na tentativa de relativizar a crítica às mediações técnicas. Afinal, se a televisão e a internet podem ser censuradas por parodiar a presença e perturbar a interação, trata-se de uma análise pouco original, pois retoma uma tecnofobia cuja origem seria o diálogo Fedro de Platão (ONG, 1998; PETERS, 2000; MARTINO, 2014).

Outra referência comum ao diálogo é feita pelos autores ligados à chamada ecologia das mídias, corrente teórica que busca sistematizar e levar até as últimas consequências a contribuição de Marshal McLuhan para os estudos da comunicação. Para esses autores, os pioneiros dessa abordagem não são Harold Innis, nem mesmo Walter Benjamin, mas Platão. Em seu diálogo Fedro, o filósofo analisou a escrita não como um veículo de armazenagem e transmissão de mensagens, mas como um elemento que mudou a ecologia social e transformou as relações humanas (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019).

Esta comunicação busca agregar a essa abordagem ecológica uma outra contribuição, ligada à análise de Jacques Derrida em seu texto a *Farmácia de Platão*. Derrida busca se afastar da ideia de que Fedro seja uma mera crítica à escrita, resgatando o caráter farmacológico associado a esse meio. Fármaco significa ambivalência, ora veneno, ora remédio. Ambivalência essa que pode ser percebida ao longo do diálogo. Explorar essas ambivalências pode nos dar elementos de reflexão que colabora na construção de uma abordagem dos meios para além da mera instrumentalidade, compreendendo que é a capacidade farmacológica dos meios que provoca efeitos ambíguos e contraditórios, transformando não apenas a modalidade de transmissão de mensagens, mas toda a ecologia social.

O EFEITO EUFORIZANTE DA ESCRITA

Quando mencionado como arquétipo da crítica às mediações técnicas da comunicação, aponta-se o final do diálogo Fedro (274b-278b) como o trecho no qual é apresentado, de fato, uma análise dos efeitos da escrita, precisamente quando Sócrates recorre ao mito da invenção da escrita para articular o questionamento se vale ou não a pena escrever. Não obstante, o início do diálogo é igualmente rico para análise das mídias, pois podemos observar essa dimensão farmacológica da escrita como um aparato que desperta o fascínio e como elemento de desterritorialização da cidade.

A cena inaugural do diálogo mostra o jovem Fedro e o filósofo Sócrates se encontrando casualmente nas ruas de Atenas. Fedro convida o amigo a um longo passeio para fora dos muros, pois passara aquela manhã sentado escutando os discursos de um importante retórico de nome Lísias e precisava espairecer. Convite inusitado, pois Sócrates jamais saía da cidade e de hábito dizia que não tinha nada que apreender com as coisas da natureza, mas apenas com os cidadãos. Dramatiza ainda mais a cena o fato deste diálogo ser retratado no verão e em pleno meio-dia. Mas não era qualquer moço que convidava e, sim, Fedro, reputado pelo elevado capital estético, no polo oposto a Sócrates, e cuja atenção era disputada por muitos.

Evidentemente que toda essa situação faz com que Sócrates abra essa exceção e aceite acompanhar o jovem nessa longa caminhada, pois, além da companhia, queria saber mais detalhes da tese desenvolvida por Lísias de que é preferível se entregar ao pretendente não apaixonado do que ao apaixonado. Fedro, evidentemente, sente-se incapaz de reproduzir o discurso em sua integralidade, pois não pôde memorizá-lo. O jovem propõe, ao invés disso, repassar as linhas gerais da argumentação. É nesse momento do diálogo que Sócrates se fascina pela escrita e troca a presença do amigo pela mediação técnica:

Pois não, amor; mas, antes disso mostra-me o que trazes na mão esquerda, debaixo do manto. Suspeito que seja o tal discurso. Se for o caso, podes ter a certeza de que, embora eu te dedique muita estima, uma vez que Lísias se acha presente, não deixarei que te exerçites à minha custa. Vamos, descobre-o logo (228e). (PLATÃO, 2011, p. 65).

O mecanismo de reprodução técnica é apresentado como superior aos poderes limitados da memória. Além dessa questão funcional, a própria palavra escrita é apresentada como um objeto erótico camuflado por dentro do manto, tendo a capacidade de despertar o fascínio em Sócrates, a ponto deste trocar o contato direto com um dos jovens mais cobiçados de Atenas pelo *phármakon* que permite trazer a presença o ausente.

Frustrado por não poder aproveitar o encontro de outra maneira, Fedro então propõe que a caminhada tenha fim e que encontrem um lugar aprazível para se sentarem a fim de ler a peça. A interação entre os dois muda por conta da materialidade da escrita, ou seja, da necessidade de se adaptar àquele meio, afinal não é possível ler enquanto se caminha.

Aqui percebemos a capacidade da escrita de desterritorializar a cidade, pois Sócrates, mesmo distante do *locus* do debate público, pôde discutir com seu amigo Fedro teses cujo autor estava ausente e ele pôde fazer esse movimento inusitado de sair da cidade:

Desculpa-me essa fraqueza, meu caro; é que, sendo como sou, um apaixonado do saber, nem o campo nem as árvores não me ensinam coisa alguma; somente os homens da cidade. Porém agora quer parecer-me que encontrei o meio de trazer-me para fora. Assim como fazem para conduzir animais quando estão com fome, agitando na frente deles algum ramo ou fruta: só com mostrares as folhas desse discurso, me levarás por toda a Ática ou por onde bem entenderes (230d). (PLATÃO, 2011, p. 69).

Aqui o poder de fascinação da escrita é evidente e é descrito com características narcotizantes, comparado, portanto, a uma droga capaz de conduzir Sócrates por jornadas inusitadas, a um caminho que é, como destacado por Derrida, um verdadeiro êxodo: “Operando por sedução, o *phármakon* faz sair dos rumos e das leis gerais, naturais ou habituais. Aqui, ele faz Sócrates sair de seu lugar habitual e de seus caminhos costumeiros. Estes sempre o retinham no interior da cidade” (DERRIDA, 1993, p. 87, tradução nossa).

Com a escrita, emissor e receptor não precisam compartilhar nem o mesmo espaço e nem o mesmo presente, e foi justamente essa característica que Platão explorou ao construir um tal enredo. Evidentemente que a conclusão de Sócrates é a de que essa modalidade de construção do conhecimento é inautêntica, pois partia de um suporte impessoal. Ao final da leitura de Fedro do discurso de Lísias, percebemos mais uma vez a fascinação de Sócrates pelo mecanismo da escrita e de sua leitura, qualificando o

discurso de “demoníaco”, pois ficou contagiado “do mesmo furor báquico” de Fedro (234d).

Na sequência do diálogo, Sócrates alega já ter ouvido discurso melhor que este, mas não se tratando de elucubrações próprias, acreditando ser apenas o depositório de um conteúdo estrangeiro, como um vaso (235d), ele reluta em despejar tal conteúdo. Provocado, Fedro força Sócrates a proferir um outro discurso sobre o amor, da maneira que for possível. Primeiramente, Fedro ameaça Sócrates de violência, depois encontra um modo muito mais eficaz: não mostrar nenhum outro discurso, como um viciado que tem uma dependência nesse *phármakon*. Desde modo, constrangido, Sócrates inspirado pelas musas e de rosto encoberto, despeja um discurso que ele faz questão de não reivindicar a autoria, servindo apenas como um canal. Trata-se de um discurso inautêntico, pois seu corpo cumpriu um papel similar ao da escrita, sendo apenas um veículo de transmissão da informação. Como destacado por Peters, esses discursos são resultado de algum tipo de fármaco, “o primeiro o texto escrito, o segundo a compulsão de Fedro. Nenhum dos dois era a expressão livre ou direta de uma alma” (PETERS, 2000, p. 42, tradução nossa).

Assim, Sócrates é impedido por seu *daimon* de partir e temendo ter blasfemado Eros, decide iniciar um terceiro discurso. Esse sim autêntico, pois fora baseado no compartilhamento das interioridades. Trata-se de um discurso do qual podemos extrair, inclusive, uma visão particular do conceito de comunicação como reciprocidade erótica, e, no limite, fusão das almas, conforme ressaltado por Peters:

Neste grande discurso, Sócrates inventa um novo tipo de amor e uma nova visão de comunicação. Depois de duas visões de comunicação sistematicamente distorcidas, Sócrates oferece uma concepção sem mestre ou escravo, dominante ou subordinado – amor platônico, como passamos a chamá-lo, amor sem penetração. (PETERS, 2000, p. 43, tradução nossa).

O critério adotado nessa conceituação de comunicação é a simetria. A comunicação não é apenas uma troca de informações, mas é a solicitação mútua de almas. Logo, percebe-se, de modo evidente, como a escrita será alvo de desconfiança, pois a concretização da comunicação como compartilhamento simétrico erótico é dependente de uma condição de oralidade, da partilha mútua entre almas. Esse limite da escrita, entretanto, não elimina seu caráter fascinante e seu poder de reconfigurar a ecologia social, como demonstrando no início do diálogo Fedro.

A ESCRITA COMO VENENO

Ao lado dessa fascinação descrita na parte anterior, um dos aspectos do *phármakon* é a grande angústia relatada por Sócrates em relação à escrita, sobretudo a ideia de que alguém que está longe pode influenciar o próximo ou, no limite, a ideia de que o morto pode influenciar o vivo. Assim, motivado por essa angústia, a parte final do diálogo é dedicada a um questionamento lançado por Sócrates sobre a conveniência da escrita, ou seja, se vale a pena ou não escrever, se a escrita é potencializador da construção do conhecimento e, portanto, da comunicação.

Trata-se de um questionamento de natureza moral, que é articulado por Sócrates recorrendo ao suposto mito da invenção da escrita. Sócrates alega ter escutado essa história dos anciões. No Egito Antigo havia uma divindade de nome Teute, reputado por ter inventado várias coisas, como o cálculo e o jogo de gamão. Uma dessas invenções, em particular, eram os caracteres da escrita. Como pai da escrita, Teute apresentou a invenção ao rei do Egito discorrendo sobre suas vantagens: “Aqui está, majestade, lhe disse Teute, uma disciplina capaz de deixar os egípcios mais sábios e com melhor memória. Está descoberto o remédio para o esquecimento e a ignorância” (274e) (PLATÃO, 2011, p. 183).

Destaca-se aqui o aspecto positivo do *phármakon*, uma *tékhnē* capaz de tornar os egípcios mais sábios, dotando-os de mais memória. A ignorância é apresentada como falta de memória, da qual o remédio é a própria escrita. O rei, por sua vez, rejeita tal presente divino e revela toda a inutilidade desse novo aparato, pois não se trata de um remédio, mas de um veneno:

Engenhosíssimo Teute, uma coisa é inventar as artes, e outra, muito diferente, discorrer sobre a utilidade ou desvantagem para quem delas tiver de fazer uso. Tal é o teu caso, como pai da escrita: dada a afeição que lhe dedicas, atribuis-lhe ação exatamente oposta à que lhe é própria, pois é bastante idônea para levar o esquecimento à alma de quem aprende, pelo fato de não obrigá-lo ao exercício da memória. Confiante na escrita, será por meios externos, com a ajuda de caracteres estranhos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos, que passarão despertar suas reminiscências. Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber,- não a própria realidade. Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantões, pseudo-sábios, simplesmente, não sábios de verdade (275 a-b). (PLATÃO, 2011, p. 183).

Dois personagens interagem nesse mito, o inventor e o político. Suas funções são bem distintas, a divindade desenvolve novas tecnologias, o político soberano tem o papel de discernir se essa técnica é útil ou não para os seus súditos. Percebe-se que o usuário, aqui, é irrelevante. Nessa função política, o rei inverte a polaridade do *phármakon*, até por sobrevivência política, afinal “a questão era que o poder do déspota, que estava ancorado na palavra, na voz, na presença física do soberano, pai da palavra, torna-se, com a escrita, um poder órfão” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 172).

Camuflando essa estratégia política, o rei inverte a polaridade do *phármakon* alegando zelar pelo bem-estar de seus súditos, afinal, a possibilidade de armazenar informações fora de nossa memória nos isentará mecanicamente de armazená-las em nossa memória, atrofiando-a. Assim, a escrita passa de remédio do conhecimento, capaz de aumentar a memória, equivalente a uma *smart drug* ou aos nootrópicos tão populares no capitalismo tardio, para veneno e corruptor do conhecimento. E essa inversão se dá justamente pelos seus efeitos tóxicos, a dependência do uso de um suporte externo, tornando o usuário incapaz de memorizar por conta própria.

Como observado por Neil Postman, “O erro de Thamus está em sua crença de que escrever será um fardo para a sociedade e nada mais que um fardo” (POSTMAN, 1993, p.4, tradução nossa). Ou seja, o rei não levou em consideração o caráter ambíguo e paradoxal do *phármakon*, destacando apenas o aspecto venenoso da invenção, não permitindo ao usuário tomar suas próprias conclusões.

Percebe-se, portanto, uma oscilação entre o otimismo e o pessimismo, entre uma tecnofilia e uma tecnofobia, oscilação próxima a debates contemporâneos, por exemplo em torno da Wikipédia. Tal arquitetura deixaria as pessoas mais sábias por dar acesso à informação, ou deixaria as pessoas mais estúpidas por dar a impressão de que tudo está lá, disponível. Como percebemos na citação acima, a escrita para Sócrates só pode, no limite, ser considerado como um mero instrumento para quem já sabe, um dispositivo de lembrança do assunto de que trata o documento.

Inserindo essa discussão em um debate mais profundo sobre a própria filosofia platônica, a escrita é associada ao simulacro. Assim como a pintura, ela é um dispositivo de produção de ilusão:

É que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com

os escritos. És inclinado a pensar que conversas com seres inteligentes; mas se, com o teu desejo de aprender, os interpelares acerca do que eles mesmos dizem, só respondem de um único modo e sempre a mesma coisa. Uma vez definitivamente fixados na escrita, rolam daqui dali os discursos, sem o menor discrimine, tanto por entre os conhecedores da matéria como os que nada têm que ver com o assunto de que tratam, sem saberem a quem devam dirigir-se e a quem não. E no caso de serem agredidos ou menoscabados injustamente, nunca prescindirão da ajuda paterna, pois por si mesmos são tão incapazes de se defenderem como de socorrer alguém (275d). (PLATÃO, 2011, p. 185).

Da citação acima, conseguimos extrair uma lista das ansiedades em relação à escrita que pode ser facilmente transposta para as mídias subsequentes da história da comunicação, como o enfraquecimento da memória, a perturbação da interação, a difusão aleatória da informação, o desencarne dos emissores, a paródia da presença, o caráter desumano, impessoal e desprovido de interioridade e a destruição do verdadeiro diálogo. Para Platão, o fazer filosófico, e por extensão a própria comunicação, deve ocorrer entre almas, pela mediação do corpo e em uma atmosfera de interação íntima entre cada participante, o que não pode acontecer com a escrita. Por isso, é lançado aqui a questão inicial do debate crítico da mídia, que é sempre a questão da presença, da escrita aos dispositivos digitais.

Aliás, ressalta Platão, a escrita pode até ser válida se o registro não ocorrer no papiro, mas gravada na alma, ou seja, em um outro tipo de suporte, “o que é escrito com o conhecimento na alma de quem estuda, e que não somente é capaz de defender-se, que de falar e silenciar quando preciso (276a)” (PLATÃO, 2011, p. 185). Basicamente, como se percebe, é um problema de materialidade da comunicação, no qual a alma é um meio mais durável que os papiros.

Esse mesmo argumento de condenação da escrita também aparece na carta VII na qual Platão insiste no fato de que não importa o que está escrito, mas sim o que está vivo dentro da alma, de modo que “nenhuma pessoa de senso confiará seus pensamentos a tal veículo, principalmente se este for fixo, como é o caso dos caracteres escrito (343a)” (PLATÃO, 1975, p. 157). Não existe transposição possível entre o que está na alma para a escrita e todo homem de bom senso deve se abster de escrever, aquele que insiste “é certeza não ter o autor levado muito a sério o seu trabalho, ainda mesmo que se trate de um sujeito grave, por haver ficado retido o pensamento na porção mais nobre de sua alma (344c)” (PLATÃO, 1975, p. 159). Assim, a própria filosofia, ou a verdade sobre a metafísica, não poderia ser ensinada em um livro, prevalecendo a forma dialógica. A

filosofia deve ser vivida e a verdadeira comunicação pressupõe a comunhão das almas (FERRARI, 1990).

A ABORDAGEM FARMACOLÓGICA E A QUESTÃO DA NÃO INSTRUMENTALIDADE

É sobretudo com McLuhan e sua máxima do meio como mensagem que nos estudos de comunicação começou a se olhar para as técnicas não como meros canais de transmissão de mensagem, perspectiva oriunda da teoria da informação, mas como instâncias decisivas da própria experiência social e, no limite, do modo como habitamos o mundo (MCLUHAN, 1994). Quando o autor canadense analisa o impacto do automóvel (que estava inserido em seu amplo conceito de *medium*) na vida social, ele não o considera apenas como veículo de transporte, mas como um meio que transformou o modo de habitar as nossas grandes metrópoles, independente se usamos ou não os automóveis.

Na filosofia da tecnologia é com Heidegger (2007), uma década antes da publicação de *Understanding Media*, que a técnica começou a ser levada a sério em sua dimensão ontológica e não como simples utensílio. É a abordagem instrumental que nos faz nos apegarmos, assinala Heidegger, à condenação ou glorificação da técnica, cuja essência seria boa ou ruim em si, bem como a ideia que poderíamos empregar a técnica para o bem ou para o mal, a considerando como neutra. Todas essas abordagens estão presas naquilo que Heidegger chama de concepção antropológica e instrumental que, apesar de correta, não revela a verdade da técnica.

A essência da técnica, prosseguimento a argumentação heideggeriana, está ligada ao desvelamento ou desencobrimento, fundamental para condicionar o modo como habitamos o mundo. Essa ideia de desvelamento nos remete diretamente ao caráter ambíguo da escrita analisada por Derrida em sua farmácia de Platão. O desvelamento é um jogo, significa trazer algo da ocultação para a revelação; significa um trazer à frente elementos que estavam ocultos e ocultar outros até então visíveis. E é essa, enquanto técnica, a potência da escrita, considerado por Platão, na interpretação de Derrida, o mais nobre jogo, carregado de ambivalência justamente por conta dessa capacidade de desencobrimento. Como vimos, essa ambivalência já aparece com todo vigor no começo do diálogo Fedro, quando Sócrates associa a escrita ao *phármakon*, tal como analisado por Derrida:

Sócrates compara a uma droga (*phármakon*) os textos escritos que Fedro trouxe com ele. Esse *phármakon*, essa “medicina”, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço podem ser — alternada ou simultaneamente — benéficas e maléficas. (DERRIDA, 1993, p. 87 tradução nossa).

O poder da escrita não pode ser reduzido a uma nova forma de armazenar as informações, nem a um simples dispositivo auxiliar para a representação da voz ou da fala, nem mesmo a uma transformação comunicativa nas esferas de envio e recebimento de uma determinada mensagem. Pela primeira vez, os discursos puderam ser separados das circunstâncias particulares em que foram feitos, estabelecendo assim uma linguagem livre de contexto, o que provoca uma euforia e uma angústia em Sócrates, além da transformação de toda ecologia social. Derrida assinala a esse respeito que um discurso proferido pelo próprio Lísias ou mesmo Fedro não teria o mesmo efeito que o verificado nesse diálogo:

Um discurso pronunciado — por Lísias ou por Fedro em pessoa —, um discurso presentemente proferido em presença de Sócrates não teria tido o mesmo efeito. Apenas os *lógoi en bibliois*, falas diferidas, reservadas, envolvidas, enroladas, fazendo-se aguardar em espécie e ao abrigo de um objeto sólido, deixando-se desejar o tempo de um caminho, apenas as letras ocultadas podem fazer Sócrates caminhar dessa forma. Se pudesse estar meramente presente, desvelado, desnudado, oferecido em pessoa na sua verdade, sem os desvios de um significante estrangeiro, se, no limite, um *lógos* não diferido fosse possível, ele não seduziria. Ele não arrastaria Sócrates, como se estivesse sob o efeito de um *phármakon*, fora de seu rumo. (DERRIDA, 1993, p. 99, tradução nossa).

Traduzir o *phármakon* apenas por remédio é considerar apenas um lado da questão. Nesse sentido é importante lembrar que muitas vezes a técnica é apresentada como um remédio à insuficiência biológica do homem, sem a qual o homem não teria sobrevivido (GALIMBERTI, 2006). Com essa tradução enviesada, exclui-se a virtude mágica de uma força que não controlamos bem os efeitos: “Platão por intermédio de Sócrates viu claramente que um novo meio não é apenas uma questão de reembalar conteúdos antigos, mas uma mudança no significado da voz, palavra, corpo e amor” (PETERS, 2000, p. 51 tradução nossa). Portanto, por meio da polissemia da palavra *phármakon*, que pode ser simultaneamente remédio, veneno, droga e filtro, preserva-se esse lado paradoxal e até obscuro, expressando o próprio desejo de Platão em manter a

ambivalência, a perspectiva de que a droga pode agravar o mal em vez de curar, no caso do diálogo, tornar os usuários mais esquecidos.

É por conta desse caráter farmacológico que a técnica nunca é instrumental, transformando a própria experiência comunicativa e provocando uma desestabilização na ecologia social. Considerar a mídia como mero instrumento significa que os efeitos provocados pela comunicação são fruto da mensagem e da intencionalidade dos agentes, que podem buscar a emancipação ou a alienação, o esclarecimento ou a manipulação. A abordagem farmacológica das mídias, lançada por Platão, é um antídoto contra esse reducionismo, mostrando que a introdução de um novo meio, ou seja, de um novo fármaco, provocará efeitos ambíguos e contraditórios.

CONCLUSÃO

Há no diálogo Fedro um paradoxo insuperável. Não só porque Platão critica a escrita escrevendo, mas sobretudo porque o próprio Platão é fruto desse meio. Em seu tempo, a escrita gerou um novo ambiente que iniciou o processo de destrabalização, o que nos parece evidente em seu projeto filosófico. Eric Havelock (1963), nesse sentido, nos sugere que devemos ler Platão – inclusive o diálogo Fedro – como consequência dessa passagem, um projeto, no limite, que se opõe à transição, na cultura grega, da oralidade para o mundo literário. Havelock insiste que essa postura ofensiva diante do novo mundo é, obviamente, contraditória. Como destaca Walter Ong (1998, p. 95), “a nova tecnologia não é meramente usada para vincular a crítica: na verdade ela criou a crítica”.

Há, no limite, uma tensão entre dois modos de comunicação: o da distribuição direcional e recíproca representada pela oralidade e o outro caracterizado pela distribuição indiferenciada e sem diálogo representada, é claro, pela escrita. Apesar da escrita ser censurada por ser promotora dessa última modalidade, simulacro da verdadeira comunicação, a cena descrita por Platão no início do diálogo se opõe à crítica pura e monolítica, pois vemos claramente o fascínio quase místico que Sócrates sente diante do papiro, muito semelhante, aliás, ao magnetismo de nosso tempo quando confrontados com os mais recentes dispositivos técnicos. O papiro aparece como objeto erótico, apesar do interesse de Sócrates por Fedro, ele prefere Lísias, que estava ali, desprovido de corpo, presente pela escrita. A partir desse objeto erótico, a realidade de Sócrates aumenta em direção a outras territorialidades.

Seguindo a leitura de Jacques Derrida, podemos considerar Fedro como ponto de partida para uma abordagem farmacológica das técnicas de comunicação ou por uma farmacocinética das mídias. A escrita, como todos os meios de comunicação, é remédio e veneno, jamais um dispositivo neutro. Assim, considerar a mídia enquanto fármaco significa fugir dos reducionismos ligados à instrumentalidade dos aparatos, seja a euforia ou a aversão aos novos meios, ou ainda considerá-las como meras instâncias neutras adaptáveis ao agenciamento humano. Significa, antes, acompanhar as diferentes reações, ambíguas e paradoxais, que a introdução de um novo meio provoca em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, J. La pharmacie de Platon. **La dissémination**. Paris: Seuil, 1993.
- FERRARI, G. **Listening to the Cicadas: A study of Plato's Phaedrus**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- GALIMBERTI, U. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.
- HAVELOCK, E. A. **Preface to Plato**. Cambridge: Belknap Press Harvard University Press, 1963.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiæ studia**, vol. 5, nº 3, p. 375-398, 2007.
- MARCONDES FILHO, C. **O Princípio da Razão Durante: o Conceito de Comunicação e a Epistemologia Metapórica**. São Paulo: Paulus Editora, 2010.
- MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- MCLUHAN, M. **Understanding media: the extensions of man**. 1st MIT Press ed. Cambridge, Mass: MIT Press, 1994.
- ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- PETERS, J. D. **Speaking into the air: a history of the idea of communication**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- PLATÃO. Cartas. **Diálogos. Vol V**. Belém: UFPA, 1975.
- PLATÃO. **Fedro - Φαίδρος**. 3. ed. revisada e bilíngue. Belém: EDUFPA, 2011.
- POSTMAN, N. **Technopoly: the surrender of culture to technology**. 1st Vintage Books ed. New York: Vintage Books, 1993.
- STRATE, L.; BRAGA, A.; LEVINSON, P. **Introdução à ecologia das Mídias**. 1ª edição. São

Paulo: Edições Loyola, 2019.